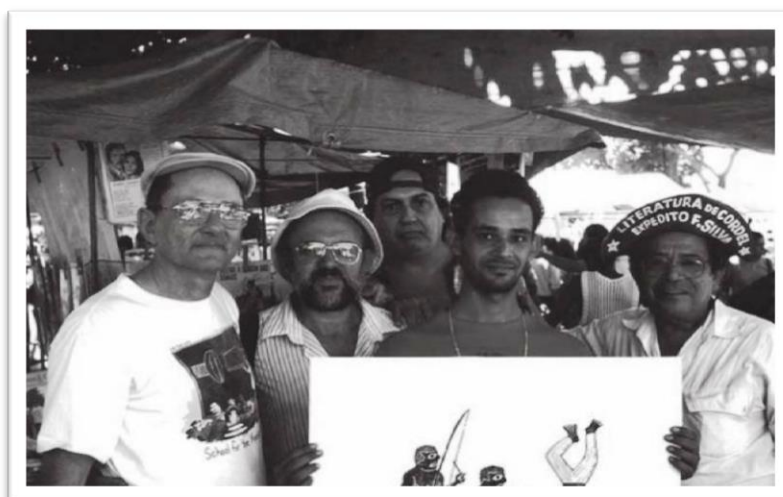


Sá de João Pessoa

Farofa de



Cordel

**Rio de Janeiro
2018**

Índice

Como me meti na Literatura de Cordel, pg. 3

A origem da palavra Forró, pg. 8

Salvador Allende no Nordeste, pg. 12

Carta Aberta a Arp Procópio, pg. 17

Mote e Glosa, pg. 21

Literatura de valor, pg. 22

Nordeste sempre, pg. 24

O canto livre do Nordeste, pg. 28

Uma quizília com Orígenes Lessa, pg. 33

Protesto a Gonçalo Ferreira da Silva, pg. 45

Ventura e desventura do poeta, pg. 47

Inventário de folhetos, pg. 56

Capa:

Feira de São Cristóvão Rio de Janeiro

O autor entre cordelistas:

Expedito F. Silva, seu filho xilógrafo Erivaldo e Franklin Maxado

Foto: Mark Curran

Como me meti na Literatura de Cordel

Nasci na Paraíba, sem dúvida alguma o grande celeiro de poetas e cantadores populares. Portanto, ser paraibano pode parecer passaporte para a Poesia Popular, mas não é bem assim. Muito cedo saí de João Pessoa. Não nego, porém, que minha curta vida nessa cidade – e também em Rio Tinto, terra onde viveu e morreu o grande poeta José Camelo (Pavão Misterioso) – não tenha sido alegrada por cantoria que se tivesse fixada na minha mente de modo espontâneo.

De lá pulei para São Luís e se não posso chamar o Maranhão de celeiro da poesia popular, pelo menos posso dizer que muitas vezes saí da escola e ia matar o tempo no Mercado da Praia Grande a ouvir folheteiro cantar, de megafone pendurado no pescoço, histórias fantásticas de amor e luta. Eram folhetos de capa colorida que vinham do Pará e reproduziam as histórias de Leandro Gomes de Barros, José Martins de Athayde, entre outros. O poeta chegava entoando os versos em cantoria. A história quase toda numa carreira só, deixando os ouvintes atentos. Mas quando chegava ao ápice da aventura, ele parava. E agora? Quem quisesse saber o desfecho que comprasse o folheto.

Eu sofria que só o cão de rua: sem dinheiro para comprar um folheto sequer e sem saber o final da história. Ficava por ali, rondando o cantador, esperando os ouvintes fazerem as compras ou desistir, ir embora. Quando ficavam só eu ele, então perguntava bem baixinho, no pé do ouvido do poeta, qual o desfecho de tão emocionante aventura. Ele me olhava, pensando se poderia quebrar a tabu de nunca divulgar o desfecho a não ser vendendo o folheto. Alguma vez, contava, outras não dizia nada, pegava a velha maleta, se mandava embora. Em silêncio eu mandava a ele dois ou três xingamentos pela desfeita.

Anos depois – quem diria! – o fato iria se repetir em pleno Rio de Janeiro, na Praça Mauá, desta vez tendo como cantador José João dos Santos, isso mesmo, o famoso “Azulão”, que depois viria a ser conhecido como Mestre Azulão. Isso é o que veremos daqui a pouco.

Estávamos em São Luís. Em lá chegando, fomos morar no Outeiro da Cruz, bairro distante do centro, onde a luz elétrica ainda não havia chegado. Menos mal, pelo menos à distância já se podia divisar a luz nos postes. Bom augúrio, pois a cada dia que passava, de poste em poste, ela vinha chegando a nossa casa.

Corria os últimos anos de 1940. Garoto, com meus 6/7 anos de idade, acordava cedo e ia sentar na calçada da casa para ver os tropeiros passando em direção à cidade, rumo das feiras, com seus produtos para venda. A tropa era composta geralmente de jumentos ou burros, mas lá uma vez ou outra, passava um carro de boi com as rodas cantando como uma sirena à distância ou um lamento tristonho.

Muitas vezes a tropa seguia silenciosa e em silêncio sumia lá no fim da estrada. Na maioria das vezes, no entanto, a cantoria, o aboio, gritos para animar as montarias e para manter desperta a tropa de trabalhadores da terra, incansáveis no seu labor. Todo o som varava a madrugada, pois sol ainda não raiara, avisando aos moradores que era hora de despertar.

Esse pedaço de infância foi o que sobrou. Depois a gente cresce e a graça acaba. A vida crua, o velho destino que cada um cumpre, acabou por me expulsar da Ilha Rebelde e eis-me no início dos anos 1960 em pleno Rio de Janeiro. Desta vez não foi o cordel que me atraiu e sim a luta dos Poetas Alternativos, ditos malditos, que batalham seus trabalhos nas ruas à moda dos poetas populares.

E não só nas ruas. Também enfrentam as dificuldades de arcar com as despesas de publicação, divulgação e venda dos livros. Essa afinidade era compensatória para ambas as classes de poetas (se podemos assim chamar) e alguém haverá um dia de analisar mais profundamente esse elo de união entre a poesia de cordel e a poesia alternativa. Deixando desde já bem claro que a poesia de cordel já é, por natureza, poesia alternativa.

Uma perfeita simbiose dessa irmandade criou corpo com o poeta Flávio Nascimento, que era cordelista e alternativo ao mesmo tempo. Era comum encontrá-lo na Cinelândia cantando e vendendo folhetos e livros, tendo como palco um caixote de madeira. Nomeava seus folhetos e *pliegos* de Cordel Urbano – isso lhe custou processo do cartunista Lapi (Luís Antônio Pires), que tinha patenteado o nome.

Participei junto com Lapi e Zé Andrade em evento organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian sobre poesia alternativa. Lapi era exacerbado quanto aos direitos autorais e mantinha um advogado de plantão para caçar os violadores de suas patentes. Só que Flávio Nascimento era, como se diz, um durango e me

consultou desalentado sobre o que fazer. Dois ou três dias depois encontrei o Lapi e contei-lhe o drama que Nascimento vivia. Ele me prometeu retirar o processo, notícia que repassei a um aliviado Flávio Nascimento na primeira vez que nos reencontramos.

Só nos meados de 1965 fui encontrar o primeiro poeta de cordel no Rio de Janeiro – que não era outro senão o próprio Azulão! É bom começar pelos melhores. Estou para ver um lugar aqui no Rio de Janeiro onde esse poeta não tenha arriado sua banca: naquele tempo ele usava o caixote mesmo, outras vezes era uma valise que mais parecia uma maleta velha. Mas fui encontrá-lo na antiga Praça Mauá.

Antiga pela conformação física (que não é mais essa de hoje), velha pela boemia e pela malandragem que ali se juntavam, avelhantada pelos bicheiros comandados pelo ancestral (e já falecido) Zica, homem cujo domínio na praça era legendário e incontestável, pois era chamado o dono da Praça Mauá – O Rei do Porto. Ali encontrei o Azulão e sempre que podia dava uma fugidinha do escritório, que era ali mesmo no Edifício A Noite, sede da também famosa Rádio Nacional.

Azulão decerto era remanescente da geração de grandes poetas, cantadores, violeiros e repentistas, emigrada do Nordeste para o Rio de Janeiro. Há muitos mais, porém especializados numa ou noutra coisa. Azulão, não. Ele foi tudo isso aí em cima junto, sem dever nem a um nem a outro: era uma enciclopédia do cordel. A geração de novos poetas se assenhoram, estão chegando com todo vapor e todo talento, graças à escolaridade e experiência emprestada e deixada como herança por Azulão.

Autor dessa obra-prima que é *O Trem da Madrugada*, Azulão não encontrou dificuldade para assimilar os temas da cidade grande e com o talento que Deus lhe deu erigiu uma obra de cordel urbano sem igual. *Os loucos da moda*, *Camisinhas para todos*, *O terror nas Torres Gêmeas*, *Os loucos da Moda*, *O mártir de San Quentin – Chessman* e *A escravidão moderna*, são outros folhetos em que a crítica, a sátira, a política e a poesia se reúnem para comentar os costumes sociais da época.

Dono de uma memória incrível, Azulão só precisava de um empurrãozinho, uma citação, o primeiro verso, para depois declamar de um só fôlego todo o folheto, empolgado como se fosse a primeira apresentação. De vez em quando dava uma paradinha na récita e comentava em prosa as ocorrências criadas, sempre

com o intuito de provocar ainda mais os ouvintes, espicaçá-los para a trama, aguçar a curiosidade e finalmente vender, que é o objetivo de todo bom folheteiro. Mas para os espectadores, Azulão era apenas um excelente cantador apresentando seu último trabalho.

Um dia seus óculos quebraram e Azulão ficou sem pai nem mãe, pois sem aquelas lentes fundo-de-garrafa ele ficava ceguinho. Com o folheto praticamente colado nos olhos dava início à história – e o resto da leitura era e memória que fazia sozinha. Se essa falhava (afinal, ninguém é de ferro!) a solução era inventar ali mesmo na hora e o improviso saía bem – tão bom ou melhor que o original.

Tempos depois, mexeu-se na estrutura da Praça Mauá, mudaram a Rodoviária (que era outro elemento de ajuntamento de gente naquele logradouro) para o fim da Av. Rodrigues Alves, o velho Zica morreu na Beneficência Portuguesa e Azulão procurou novas plagas. Já com as raízes revolvidas, ressurgiu em mim nova paixão pela poesia de cordel. Culpa do Azulão. Isso ocasionou um artigo para a revista cabo-verdiana Morabeza, que circulou entre os emigrantes daquela nação africana. Já naquele artigo, fazia um paralelo entre a poesia nordestina e a poesia africana, buscando similitudes.

Vagando pelas ruas do Rio de Janeiro, encontrei velho e desprezado, o poeta *Seu Ventura* - José Gentil Girão, que espalhava os folhetos para venda em qualquer calçada. Ele se queixava muito dos moleques que roubavam folhetos e saíam em desabalada carreira, que sua idade não mais permite encetar. Reclamava dos fiscais que sempre o persegue e o expulsa dos bons locais de venda. Reclamava até dos colegas cantadores que roubam suas ideias e depois publicam em seu próprio nome. Reclamava até dos parentes que – segundo o próprio – devido à idade avançada, preferem vê-lo morto. Fora isso era teimoso e não gostava de ser chamado Vovô!

Girão é também o típico poeta popular, desses que só relembra os versos se estiverem acompanhados de cantoria. Aí tudo vem de chofre, a memória funciona como uma máquina. José Gentil Girão – o poeta vaqueiro – é outro poeta que precisa urgentemente ser ouvido e preservado pelas entidades que são criadas para guardar a memória e a cultura, mas se perdem nos labirintos burocráticos e na eterna falta de verbas. Na Praça XV e na Cinelândia, m tempo atrás, deixaram Poetas Populares

venderem seus folhetos. Isso foi numa boca que consideravam a “poesia de cordel” um elemento cultural e artístico. Depois, tudo voltou ao normal, com os fiscais querendo dinheiro e perseguindo os folheteiros (expulsando do local e apreendendo os folhetos) e os poetas resistindo sem se curvar à exigência da propina.

Encontrei em setembro Sebastião Nunes Batista em plena Praça XV de Novembro, com sua banca, igual a qualquer poeta. Ali conversamos muitas vezes, mas ele se lamentava, pois teria que abandonar a praça, principalmente pela resistência que faziam os próprios colegas, pois ele já estava “arrumado”, por pertencer a uma instituição como a Casa de Rui Barbosa. Não seria justo – segundo eles – tomar o lugar de alguém que precisava da praça pública. Defendi a permanência dele ali, como direito adquirido, mas a sua personalidade pacífica falou mais forte e ele finalmente deixou de frequentar as praças do Rio.

A Praça XV de Novembro também me proporcionou os primeiros contatos com Raimundo Santa Helena, com Apolônio Alves dos Santos, com Gonçalo Ferreira da Silva, com Marcelo Soares e com Joel Borges, estes dois últimos mais ligados à xilogravura. O Joel Borges é a hidra de várias cabeças: enquanto no Rio de Janeiro é xilógrafo (raramente cantador), em sua terra natal é folheteiro, poeta e cantador, sendo lá sua atividade de gravador mantida em plano secundário. Já Marcelo Soares era mesmo gravador, com a atividade poética mantida à distância, com vistas ao futuro.

Com esses contatos crescentes, meu envolvimento com a Poesia Popular aumentou consideravelmente e foi desembocar no Festival de Poetas e Repentistas havido na Cinelândia e onde conheci Franklin Maxado. Nessa ocasião apresentei a ele um novo poeta de cordel, o Sá de João Pessoa, que estreava com o folheto “O mundo misterioso dos sonhos”. O folheto mereceu a aprovação abalizada do Maxado Nordeste (e dos demais poetas que leram), além de muitos incentivos para que *“continuasse e viesse engrossar a fileira dos cordelistas do Rio de Janeiro”* – coisa que estava fora de minhas pretensões.

Assim o parto se deu. Daí em diante o poeta popular Sá de São Pessoa – nome dado por Franklin Maxado e aprovado por Raimundo Silva, Marcelo Soares, Ciro Fernandes e Zé Andrade – passou a frequentar e foi adotado pela Feira de São Cristóvão aos domingos, sempre aos domingos.

A origem da palavra Forró

Forró é festa com baile que se dança ao som de ritmos animados por pequenos conjuntos musicais. A expressão é redução do vocábulo **Forrobodó**, que Luiz da Câmara Cascudo define no seu Dicionário do Folclore Brasileiro como uma festa popular com música movimentada, dançada em galpões e terreiros. A redução (ou abreviação) de um vocábulo nada mais é que a contração fonética da palavra para facilitar a expressão.

O processo é o mesmo que produziu formas, como por exemplo: apê (apartamento), auto (automóvel), cine (cinema), extra (extraordinário), fone (telefone), foto (fotografia), gel (gelatina), japa (japonês), metrô (metropolitano), mol (molécula), moto (motocicleta), pneu (pneumático), pornô (pornográfico), portuga (português), quilo (quilograma), rebu (rebulição), refri (refrigerante), tuga (portuga) e tantas outras.

Contudo, a versão anedótica, adotada até mesmo por alguns eruditos espertos, diz que o nome teria origem na leitura estropiada da expressão inglesa *for all*, com que os engenheiros ingleses ou oficiais da base aérea norte-americana, avisavam ao povo de que as festas que realizavam eram abertas *para todos*. A hipótese é uma bobagem que alguns artistas sabidos quiseram dar ar de veracidade para promover músicas e shows. Isso porque, o termo **Forrobodó** já existia no Brasil Colonial, muito antes da presença de ingleses ou americanos por aqui.

Queriam anglicizar a origem da palavra **Forró**, por isso lançaram o factóide de que a expressão vinha da corruptela de *for all* (para todos). Essa opinião foi avalizada pelo folclorista pernambucano, Valdemar de Oliveira. Afirmo ele que as empresas *The Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd.* e *The Great Western of Brazil Railway Co. Ltd.* promoviam festas e afixavam avisos que traziam no rodapé a expressão *for all* – isto é: festa aberta a todos. Posto que se deduz que além de anglicana a expressão nasceu em Pernambuco!

Essa versão engenhosa passou para a história do folclore, como uma pilantragem. Primeiro, foram engenheiros britânicos instalados em Pernambuco para construir a ferrovia e linhas de bonde, promoviam bailes abertos ao público, ou seja, *for all*. Então o termo abrigou para **Forró**. Outra versão da mesma piada substitui ingleses por norte-americanos, Recife por Natal, ferrovias por Base Militar. Tudo isso para dar ares de veracidade ao engodo.

A versão mal-intencionada e sem sustentação histórica causou reação em todos os níveis: folcloristas e filólogos mais competentes – capitaneados por Luiz da Câmara Cascudo e Ariano Suassuna – trataram de desmontar a farsa em artigos e entrevistas.

Desde 1937 – e também em anos anteriores – tempo que ainda não havia a presença de ingleses ou norte-americanos, a palavra **Forró** já se encontrava na gravação fonográfica do disco “**Forró** na roça”, composto por Manuel Queirós e Xerém. Antes disso, em 1912, Chiquinha Gonzaga compôs músicas para a peça burlesca “**Forrobodó**”, que lhe valeu em 1915, o Prêmio Mambembe de Teatro.

Mesmo assim dei-me o trabalho de fazer um apanhado de expressões dicionarizadas e citadas em obras conhecidas.

Forró e Forrobodó nos dicionários

1) **Vocabulário Pernambucano** - Francisco Augusto Pereira da Costa (1916)

Forrobodó - Divertimento, pagodeira, festança.

“Após a tal sessão houve um grande **Forrobodó**.” (O Alfinete nº 13-1890).

“Em honra ao sexto aniversário d'A Pimenta houve um espalhafatoso **Forrobodó**.” (A Pimenta-nº 373-1905).

“**Forrobodó** ou forrobodança é um baile mais aristocrático que o Chorão do Rio de Janeiro, [sendo] obrigado a [ter] violão, sanfona, reco-reco e aguardente. Nelle tomam parte indivíduos de baixa esfera social, a ralé... A sociedade que toma parte no nosso **Forrobodó** ou forrobodança é mesclada: há de tudo. Várias vezes verificam-se turras ou banzés, sem que haja morte ou ferimentos. Fica sempre tudo muito camarada, muito bem, muito obrigado”. (A Lanceta-nº 121-1913).

Alberto Bessa consigna o vocábulo como brasileiro, com as expressões de baile ordinário, sem etiqueta.

Beaurepaire Rohan dá a expressão como privativa do Rio de Janeiro, junto com as de *baile* ou *sarau chinfirim*.

O termo tem curso no Ceará para designar os “bailes da canalha”, como descreve Rodrigues de Carvalho e aqui entre nós, no Rio de Janeiro, desde muito e antes mesmo do aparecimento do livro de Beaurepaire Rohan, em 1889, como se vê destes trechos:

“Um arremedo de folhetim cheirando a **Forrobodó**” - (America Illustrada nº 25-1882).

“Ao actor Guilherme, na noite do seu **Forrobodó**” - (O Mephistopheles nº 15-1883).

A expressão, portanto, quer seja originária do Rio de Janeiro, quer de Pernambuco ou do Rio Grande do Norte, já tem entre nós os seus cajus.

2) **A Gíria Brasileira** - Antenor Nascentes (1953)

Forró - s.m. Abreviação de **Forrobodó**.

Forrobodó s.m. Festa animada, com danças, comesainas, bebidas.

“A festa do Bonfim, o Dois de Julho, a noite de São João, os forrobodós”. (Souza Bandeira – “Dois metros e cinco” - A Tribuna 1904).

Nelson de Sena (Revista de Filologia e História nº II-442) menciona um topônimo **Forrobodó**, de evidente origem africana, segundo ele.

3) **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Forró - (Bras.) (Gíria) - Forma reduzida de **Forrobodó**.

Forrobodó - s.m. (Bras.) (Gíria) - Festança, baile da ralé em que há grande comezaina; confusão, desordem. Forma red. **Forró**.

4) **Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares** - Tomé Cabral

Forró s.m. Baile plebeu, na zona rural, nos arrabaldes de cidade ou na zona do meretrício.

“Patrão, faz toda a vida que não se entrosa um **Forró**.” - José Américo de Almeida - A Bagaceira.

Forrobodó - s.m. (Em desuso). O mesmo que **Forró**.

“... dancinha de pobre, **Forrobodó** de bairro.” (Jorge Amado-Dona Flor e seus dois maridos)

“... muitas delas apareciam com vestidos novos para caírem no **Forrobodó** ordenado pelo chefe.” (Eduardo Barbosa - Lampião).

“Cantilena e o **Forrobodó** continuavam misturando-se aos fragmentos de sons de concertina, triângulo, pandeiro...” (Orlando Tejo-Zé Limeira, poeta do absurdo).

5) **Vocabulário de Termos Populares e Gíria da Paraíba** – L. F. R. Clerot (1959)

Forró – s.m. Baile de gente de baixa condição (também Fuá e Gafieira).

6) **Dicionário de Sinônimos e Antônimos** - Orlando Mendes de Moraes e Leonam de Azeredo Pena.

Forró ou **Forrobodó** - folgança, pagodeira, pândega, balbúrdia, desordem.

7) **Dicionário do Folclore Brasileiro** - Luís da Câmara Cascudo

Forró - arrasta-pé, bate-chinelo.

Forrobodó - Divertimento, pagodeira, festança. (Repete todo o verbete de F. A. Pereira da Costa).

Usa-se, em Natal, na imprensa anterior a 1930, como sinônimo de baile popular, pagode, samba movimentado, entre o povo. Carlos Betencourt e Luís Peixoto escreveram uma revista teatral, “**Forrobodó**”, que foi muito representada e aplaudida por todo o Brasil (1917-1919).

Forró, segundo Luís da Câmara Cascudo, vem mesmo de **Forrobodó**, de origem bântu e significa: arrasta-pé, farra, confusão, desordem.

8) **O Tapiri – Amazonologia** - Fabio Cid

Forró - Festança com comilança. **Forrobodó**.

9) **O Calão - Dicionario de Gíria Portuguesa** - Eduardo Nobre

Forrobodó - Pândega.

10) **Calepino Potiguar** - Raimundo Nonato

Forró - Mesmo que fobó. **Forrobodó**. Arrasta-pé. Levanta-poeira.

Forrobodó - Arrasta-pé. Baile de pobre.

11) **Diccionario Prático Ilustrado** - Jayme de Seguiet (1928)

Forrobodó - s.m. (bras.) Baile reles.

Salvador Allende no Nordeste

A despeito de se manter num estado semimorto, a Literatura de Cordel nordestina acompanha passo a passo os acontecimentos da atualidade e nada a ela escapa.

As recentes ocorrências políticas do Chile que resultou em golpe militar, fizeram surgir imediatamente um livreto registrando o fato, a seu modo, claro. O folheto tem como título “**Allende contra o Dragão do Mal**” onde reage à atual política no país amigo o Chile e circula entre outros da moda, disputando com “**Os loucos da moda**” e “**O trem da madrugada**” a preferência do público.

Puxado pelos cantadores, esses livretos servem de ponta-de-lança para a venda das estórias mais tradicionais: “**A entrada de Lampião no céu**”, “**As queixas de Satanás ao Senhor no céu**”, “**Peleja do cego Aderaldo com o Demônio**”, “**O encontro de Dioguinho com Lampião**”, além de outras, inclusive vários ABC de Amor e biográficos.

É interessante ver como se comporta essa literatura de cunho popular e o tratamento dado aos temas, eminentemente políticos, quase sempre desprezados por poetas de cordel.

Parece que antes de ser definitivamente enterrada – como preveem as más línguas – a literatura de cordel nordestina ainda vai dar muitas colaborações eficientes à poesia popular brasileira.

Salvador Allende contra o Dragão do Mal

O meu avô me contou
que no ano setenta e tal
o Señor Allende lutou
contra o Dragão do Mal
que vive a vida espalhando
norte a sul, sul a norte,
o ódio, o sangue, a morte.

A luta então travada
entre considerados irmãos
foi sangrenta, encarniçada,
tendo metralha e canhão,
bombas caindo do céu,
o ódio, o sangue, a morte,

norte a sul, sul a norte.

A causa de tal disparate
a História não vai contar
até que uma bala me mate,
o mundo vai me escutar
e vou combater cantando
norte a sul, sul a norte,
o sangue, o ódio, a morte.

Señor Allende mandava,
por escolha de seu povo,
a terra que ele amava
e nunca quis ver de novo
como uma peste grassando
o ódio, o sangue, a morte
norte a sul, sul a norte.

Por isso tratou de arrumar
o seu mundo social
de modo a poder separar
homem bom do cabra mau
- este que só alimenta
norte a sul, sul a norte
o sangue, o ódio, a morte.

O pobre teria ajuda,
não seria indigente,
a voz não seria muda
- pobre seria até gente,
quando fosse expulsado
o ódio, o sangue, a morte
norte a sul, sul a norte.

Logo houve reação
de parte do homem rico:
“Será nossa perdição!”
“Neste mundo eu não fico!”
E foram logo instigando
sul a sul, norte a norte
o sangue, o ódio, a morte.

O povo também reagiu
pois se sentiu perseguido
nunca jamais desistiu

do que tinha conseguido
com muito suor derrotando
o ódio, o sangue, a morte
sul a sul, norte a norte.

Sem poder vencer a luta
feita com tal violência
apelando à força bruta
e às armas da ciência,
o Dragão do Mal plantou
sul a sul, norte a norte
o sangue, o ódio, a morte.

Quem mais sofreu foi o povo
pois lhe faltou comida,
viu o mal trazer de novo
desastre em vez de vida,
gringos de longe financiando
o ódio, o sangue, a morte
sul a sul, norte a norte.

E outra vez quem perdeu
nessa luta desigual
foi a gente que morreu
lutando contra o mal
e contra o fogo alastrando
o sangue, o ódio, a morte,
norte a sul, sul a norte.

A luta do fim se aproxima
mas o Dragão tresloucado
solta fogo pela narina
como o Diabo danado,
patas de ferro arrancando
norte a sul, sul a norte,
o ódio, o sangue, a morte.

Señor Allende morreu
lutando com arma na mão,
o suicídio não se deu
conforme queria o Dragão,
todo o mundo condenando
o sangue, o ódio, a morte,
norte a sul, sul a norte.

O caso não é novidade
pois igualmente se deu
quando o Dragão da Maldade
atacou o povo europeu,
manchando os anos quarenta
norte a sul, sul a norte
de ódio, de sangue e morte.

Esse Dragão do passado,
mais poderoso que Deus,
é o pai do desgraçado:
matou milhões de judeus
disseminando na Europa
norte a sul, sul a norte
o ódio, o sangue, a morte.

Até hoje o mundo paga
a consequência do ato,
o judeu sempre afaga
ir à vingança de fato:
o pobre árabe é quem sofre
norte a sul, sul a norte
o sangue, o ódio, a morte.

Aquele brutal matador
que comandava o Dragão:
Hitler – último ditador
a usar arma na mão:
hoje é o dinheiro que traz
norte a sul, sul a norte
o ódio, o sangue, a morte.

É o dinheiro maldito
das CIA internacionais
que tem como único fito
roubar a riqueza e a paz,
além da fome, largando
norte a sul, sul a norte
o sangue, o ódio, a morte.

Foi contra tal ganância
que Allende se insurgiu
convocando a militância
quando o governo assumiu,
mas não pôde impedir

norte a sul, sul a norte
o ódio, o sangue, a morte.

Não pressentiu empolgado
Que atrás do lindo galão
estava o Demo acoitado
representando o Dragão
e ressuscitado ameaçava
norte a sul, sul a norte
o sangue, o ódio, a morte.

E mesmo tudo acabado
a matança continua
é tiro por todo lado
é gente morta na rua
– é o povo reagindo
sul a sul, norte a norte,
ao ódio, sangue e morte.

A vitória é passageira
e não assusta a ninguém
um dia sem eira nem beira
sempre o novo Allende vem
para ao inferno ir mandando
o sangue, o ódio, a morte,
sul a sul, norte a norte.

Rio de Janeiro, Cachambi, 1973.

Carta Aberta a Arp Procópio

Arp Procópio foi um Jornalista mineiro, amigo de Carlos Drummond de Andrade criador e editor do jornal *O Cometa Itabirano*, fundado em 1979, que optou por fazer campanha nas eleições do Rio de Janeiro a favor de Fernando Gabeira em detrimento de Darcy Ribeiro. Daí a origem desta carta em poesia de cordel, que foi publicada no próprio *O Cometa Itabirano*.

1.

Meu caro Arp Procópio
Vamos, não seja mineiro,
Que desculpa se arranjar
Lá do fundo do banheiro
Pra não votar no correto
Professor Darcy Ribeiro.

2.

Gabeira, quem mesmo era?
Um jornalista afamado?
Desculpe, naquela era
Eu já tava tarimbado
Não tinha a fama que dizes
Era um “foca” o coitado.

3.

Pegou nas armas, é certo,
Lutou por seu ideal
Naquele tempo o sufoco
Era mesmo infernal
Também cheirei muito gás
Da tropa policial.

4.

Levei porrada e “dancei”
Lutando com a ditadura
Não fossem três barrigudos
Eu mesmo, naquela altura,
Pegava também nas armas
Para morrer com bravura.

5.

Hoje, o tempo passado,
A nossa luta vingou
Conseguimos anistia
O exilado já voltou
O militar (não de todo)
Pro seu quartel retornou.

6.

Lutando pelas diretas
O que ocorreu então?
A direita se arrumou
E foi pra televisão
Pois não queria largar
O osso que tinha na mão.

7.

O que sobrou de herança
Dos tempos de liberdade?
Pires, Brizola, Arraes,
Só gente de qualidade
Darcy Ribeiro também
É muito bom de verdade.

8.

Os anos de ditadura
Não acabam num só dia
Por isso nas eleições
O povão só escolhia
Quem tava comprometido
Com nossa democracia.

9.

Darcy Ribeiro é homem
Que tem personalidade
Está ligado a Brizola
Por lagos de amizade
Mas ele mesmo – o Darcy
Ia mandar de verdade.

10.

Provo aqui que esse papo
É desculpa esfarrapada
É comum em nossa elite
Jogar com a plebe esfaimada
A luta que o povo teve
Acabou por dar em nada.

11.

Isso é chover no molhado,
Pois vi o que você viu
Não ensino reza a padre
Nem sou bucha de fuzil
Não vou contar a você
A História do Brasil.

12.

Não vou gastar o meu verbo
Com tamanha baboseira
Agora você já viu
Que foi grande besteira
Não ter votado em Darcy
Para votar no Gabeira.

13.

Sei que cada otário tem
A derrota que merece
E quem você mais malhou
Biônico do P.D.S.
Voltou ao poder de novo
Enquanto o povo padece.

14.

Estou cansado, estou velho
Não sirvo mesmo pra nada
Quando penso na vitória
Alguém dá a derrubada
Amigo Arp, desculpe,
Se dou esta ferroadada.

15.

Entendo o que lhe ocorreu
E que pôs tudo a perder
Analisar tudo errado
E o derrotado escolher
É coisa, tenho certeza,
De quem parou de beber...

16.

Pois eu não creio em nada
Nem me amedronta mandinga
Essa derrota, eu sei,
Um dia meu neto vinga
Enquanto isso eu bebo
O meu copinho de pinga.

17.

Quando ela desce pro bucho
Na cabeça um sino soa
Então eu deito na rede
E só penso em coisa boa
Por isso lhe brinda: saúde!
Este Sá de João Pessoa.

Mote e Glosa

À modo de Moysés Sesyom

Mote

Zé Andrade, Marcelo e Ciro
São necessários na farra.

Glosa

Aos domingos eu prefiro
Uma cerveja gelada.
Na mesa em prosa animada
 Zé Andrade, Marcelo e Ciro
Eu e Maxado dando um giro
Pela feira em algazarra
Um mote no ar se agarra
E transforma em poesia
Viola, verso e cantoria
 São necessários na farra.

Literatura de valor

Certa vez os poetas populares cordelistas se rebelaram contra a expressão contida em verbete sobre Literatura de Cordel. Foi o seguinte: o verbete do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa do MEC descrevia a Literatura de Cordel como *“literatura de pouco ou nenhum valor”*. Isso foi o estopim para o início de verdadeira cruzada em defesa da Literatura de Cordel.

O verbete depreciativo vinha sendo divulgado desde o Dicionário Contemporâneo (1881), de Caldas Aulete. O Dicionário Escolar apenas copiou o verbete. A avalanche de protestos teve apoio de Carlos Drummond de Andrade, Ariano Suassuna, Orígenes Lessa e muitos outros. Drummond, em crônica no Jornal do Brasil de 21/08/1982 defendeu a causa: *“A expressão ‘cordel’ não é mais pejorativa – escreveu o poeta – não custa ao MEC rever, em edição futura, o verbete desatualizado”*.

Classificar uma literatura como *“de pouco ou nenhum valor”* é uma temeridade. Talvez em seus primórdios, quando a literatura tinha delimitações claramente estabelecidas, fosse isso possível, ainda que desastroso, já que *“a literatura acumula exemplos”*. A poesia popular, tal como esta nossa de cantoria e folhetos, descende em linhagem direta da pré-história da literatura.

Segundo o filósofo húngaro Georg Lukács, *“a poesia primitiva – quer se trate de fábulas, baladas ou lendas, quer se trate de formas espontâneas, saídas mais tarde dos relatos anedóticos (...) sempre representa o sucesso ou o fracasso das intenções humanas na prova da experiência e disso decorreu a sua profunda significação. Ainda hoje, a despeito dos seus pressupostos frequentemente fantásticos, ingênuos e inaceitáveis para o homem moderno, essa poesia continua viva, por colocar no centro da representação exatamente este fato fundamental da vida humana”*.

A história da literatura brasileira é farta em exemplos folhetinescos: Gregório de Mattos, Jose de Alencar, Aluísio Azevedo e mais recentemente Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, José Louzeiro e Aguinaldo Silva estes e muitos outros foram – no sentido folhetinesco e marginal – certa época, “cordelistas”. Por esse motivo também foi farta e ruidosa as manifestações dos próprios poetas populares, da qual participei com o texto abaixo, que foi distribuído em Folha Solta na Feira de São Cristóvão, em dia de manifestação e protesto.

Recado

Tome cuidado amigo
Com o que anda falando
Tome cuidado doutor
Aqui e por onde for
Não cometa a heresia
Chamar nossa cantoria
De poesia sem valor.

A nossa literatura
Embora feia aparente,
Já serviu a muita gente
Do nosso interior
Não cometa a heresia
Chamar nossa cantoria
De poesia sem valor.

Toda a literatura
Merece um bom conceito
Por isso se dê respeito
No Brasil e exterior
Não cometa a heresia
Chamar nossa cantoria
De poesia sem valor.

Antes tarde do que nunca
Diz o dito popular
Vamos reconsiderar
Meu caro professor
Não cometa a heresia
Chamar nossa cantoria
De poesia sem valor.

Poetas de todo Brasil
E outros intelectuais
Advertem uma vez mais
Sem guardar nenhum rancor
No cometa a heresia
Chamar nossa cantoria
De poesia sem valor.

Nordeste sempre

No folheto ***Seca, Fome e Miséria*** procurei traçar o retrato de algumas das causas que veem mantendo o Nordeste escravo de uma situação pela qual somente a mãe-natureza paga o pato, injustamente, aliás. Trata-se da seca, da fome e da miséria que vêm a reboque.

Todos sabem, mas convém repetir sempre e sempre, no entanto, que a coisa é muito mais vasta, mas não tão complexa, e tem antecedente cuja raiz se perde na história. Se não se der cabo daquela miséria toda agora, sem dúvida nenhuma vai morrer muito mais gente do que se pensa.

Esta minha cantoria
Vai falar do meu irmão
Que tá morrendo de fome
Com a seca lá do sertão
Do jeito que a coisa anda
Vai morrer mais de milhão.

A seca, a situação do NE, tudo e coisa de antigamente, que nossos avos já presenciavam (alguns colaboravam...), mesmo porque a própria terra daquela região é de natureza inóspita, árida, mas o que se quer provar é que, mesmo assim, é habitável.

Desde a criação do mundo
Que se vê o sofrimento
Da gente do meu sertão
Eu choro o padecimento
Dá uma tristeza se ouvir
De quem morre o lamento.

No que veio a religião – tanto a de Cristo e outras adjacentes – impregnou aquela gente de subserviência tal que tudo é de Deus querer, ou foi Deus quem quis. Tudo se espera que Deus mande e todas as desgraças possíveis passam inevitavelmente pelo céu:

Um doente irreversível
Assim é o nordestino
Reza a Deus a sua prece
A Deus entrega o destino
É gente simples e pura
A vida dele é um hino.

Em outras palavras, religiões ajudaram a escravizar um povo até então livre, pacífico, dolente, ordeiro. Propositadamente ou não (mais provável que sim...) a religião foi o suporte que o coronelismo precisou para se firmar, o apoio que o latifúndio necessitava para manter o povo na extremidade máxima da miséria,

Quase a ponto de morrer
Sem saber pra onde ir,
É coisa premeditada
Pois fraco e sem porvir,
O cabra vira escravo
Sem força de reagir.

Mantendo o povinho sob o tacão, estimulando uma passividade criminosa, subjugando as classes mais baixas, de cima para baixo o poder evita reações imediatas, mas se esquece de que a fome absoluta é má conselheira, porque se trata de atividade vital, desesperançado e

Pra salvar a própria vida
Da mulher e da criança,
Vendo o luxo e a fartura
Que seu poder não alcança,
De tudo o homem é capaz
Se perder a esperança.

Mesmo tomando de quando em quando essas atitudes corajosas, o nordestino vem sendo mantido há gerações à beira da inanição, transformando-se num corpo facilmente controlável, facilmente vencido, facilmente derrotado. Assim o tem demonstrado a História, quando relata Canudos, Quilombo, Balaiada e outras revoltas do passado. Onde está o limite da tolerância? Na esperança, pois

Se perder a esperança
Até o defunto reage
Em defesa da família
Desesperado o povo age
Sede, miséria e fome
Não há maior ultraje!

É também quando sente a violação de seus mais rudimentares direitos, mesmo dominado, que o homem reage. Reage quando ultrajado em seus elementares princípios de

sobrevivência, entre os quais a fome e um deles... (ou o comer?). Isso tudo por que:

A fome provoca dano
Da maneira mais terrível
Criança não cresce direito
Então tem morte horrível
Se crescer fica aleijado
Um doente irreversível.

Aqui surge outro elemento, consequente, porque além de manter o *status quo* no Nordeste, além de provocar um claro genocídio, esse tratamento dado ao povo da região provoca o êxodo dos sobreviventes (que são muitos porque – contraste da natureza! – o homem procria mais que a vida permite), envia-os aos centros produtivos do país criando assim a mão de obra mais barata do mundo.

Por isso interessa também ao sul-maravilha não transferir tecnologia ao NE-miséria, mantê-lo sempre como excelente fornecedor de massa humana barata. Nada, pois, de trazer tecnologia capaz de promover o progresso da região. As indústrias lá instaladas ou são latifundiárias ou produzem exclusivamente para a exportação, tanto interna quanto externa.

Incompetência? Burrice? Impossível. São na verdade uns sabidões que

Só mostram incompetência
Ou burrice arrumada,
Não acredito que eles
Toda gente é diplomada,
Não encontrem solução
Pra aquela seca danada.

Sendo um movimento que se perde no passado, seria de se esperar que um dia explodisse, se mostrasse à face do mundo como criminoso que é. E assim foi: o Brasil reagiu, o Mundo reagiu, caiu a máscara daqueles que sufocaram - de pai pra filho - durante séculos a verdade sobre o NE-miséria, que abafaram a voz dos que viam tudo aquilo e denunciavam através dos poucos meios disponíveis.

A seca terrível, a fome devastadora, a morte implacável promovem indescritível espetáculo:

Lá a morte faz a festa:
Antes de um ano de idade
Morre uma criança em quatro
Assim é perversidade,
Ver tanta desgraça junta
Sem demonstrar piedade.

Ironia da natureza? A seca se tornou tão inclemente que nem mais respeitou os latifúndios, as grandes plantações de açúcar, algodão, soja, voltadas para a exportação, modeladas pela tecnocracia, herdeira direta do coronelismo.

Ai já era demais! Urgia uma providência. E nasceu o Nordeste Urgente Global que, enfim, nos deu o pé necessário para criar o Nordeste Sempre, não deixar o filhote do Gabeira órfão, segurar a peteca. Botar todos os podres para fora, obrigar os descomprometidos a tomar providências, principalmente delatar, como agora faço:

Esse crime tão nefando
Nesta hora eu denuncio
A TV está mostrando
Europa, São Paulo e Rio
Que a morte no Nordeste
Relembra o Diabo vadio!

FIM

O canto livre do Nordeste

(Crônica de um tempo antigo)

Toda a propaganda em torno da Bahia como centro cultural importante foi um dia baseada principalmente em seus artistas mais renomados. Houve um tempo que tudo fazia ressaltar as origens da arte baiana, especialmente a musical: João Gilberto, Caetano Veloso, Gilberto Gil, a dupla Antônio Carlos e Jocaí, Os Novos Baianos, Gutemberg Guarabira, José Rodrix, Gal Costa, eram alguns nomes representativos da musicalidade do povo baiano.

Tudo isso vinha aliado às tradições religiosas e à boa propaganda turística explorando a beleza natural, que faziam da Bahia o foco de atenção dos viajantes brasileiros e estrangeiros. A presença de Carybé, Jorge Amado, Genaro e uma cambada de artistas porretas aumentaram o volume da Bahia, fazendo a fama correr mundo.

A negralhada mais a brancalhada, aderentes nas macumbas e candomblés, nas festas do Senhor do Bonfim, das Iemanjás, dos Pescadores, do Carnaval, do Trio Elétrico, isso tudinho está lá na Bahia esperando gente. Uma curtição pode crer. E as praias nem se fala: praia baiana é encantada que só. Mas de onde vem tudo isso minha gente?

Caetano Veloso que fez a apologia do primitivismo de suas poesias um dia confessou: “Tudo sei e aprendi foi inspiração do Lua”. O “Lua”, para quem não sabe, é o Luiz Gonzaga, cantador e sanfoneiro nordestino da terra do frevo, Pernambuco sim senhor. E vem de família de cobras, seu irmão Zé Gonzaga também traçava uma sanfona e o velho Januário Gonzaga fazia dos oito baixos milagres. E o júnior Gonzaguinha, de curta existência, também registrou nome em belas composições do cancioneiro brasileiro.

Através dos tempos o canto do povo nordestino tem sido inspiração para muita gente, compositor, pintor, escritor, tapeceiro, poeta, escultor – tudo gente influenciada pelo cantar, pelo viver e pelo morrer daquela gente. E o jeito de ser tem se mantido livre na medida do possível. Vai ser o último reduto do Brasil a perder a liberdade, a perder a virgindade, para esse monstro chamado progresso. A sua gente será a última a ser violentada pela comunicação estrangeira: a TV que trazia os males

do sul através de seus programas. O rádio, este não, se adaptava às modas da região e acabou se entregando totalmente. A TV globalizada ficou sendo a “criminosa cultural” mais cruel.

Mesmo assim, o pessoal não se entrega de vez. O canto do nordeste acompanha o progresso mantendo a tradição cuja origem se perde na memória. O cantar do nordeste sempre foi satírico, burlesco, debochado, fescenino. Nunca respeitou regras, nem respeitou o fulano ou sicrano. Podia ser político, coronel ou padre mocinha donzela ou carpideira dessas que vive pregada nas batinas dos padres: o cantador não perdoa nem a própria mãe...

O cantador Zeca Galo, pseudônimo de José Leiros, macaibense (Rio Grande do Norte), já se viu pelo nome gozador. Escreveu no Correio da Semana e n'A Ordem, jornais da cidade de Sobral (Ceará), onde morou. Exemplo do seu canto à glosa “Se merda fosse dinheiro/Pobre nascia sem cu”:

No Brasil ou no estrangeiro
Bem diferente seria:
E pobre tudo teria
Se merda fosse dinheiro.
Mas logo no mundo inteiro,
Desde o Japão ao Peru,
Do brasileiro ao hindu,
Provocariam, é lógico,
O fenômeno biológico:
Pobre nascia sem cu...

Renato Caldas, outro conterrâneo de Zeca Galo, também andou escrevendo letras e tem um livro famoso em todo o Brasil: Fulô do Mato, exemplo máximo da poesia sertaneja, que já vai além da terceira edição. Quando Carlos Lacerda promoveu a campanha de solidariedade aos nordestinos durante a seca – Ajuda a teu irmão – Renato Caldas aproveitou a ocasião para também pedir ajuda:

Seu doutor Carlos Lacerda
O senhor que inventou essa merda
De Ajuda a Teu Irmão,
Publique Fulô do Mato,
Ajude ao velho Renato,
Poeta lá do sertão...

Dito e feito! Não demorou muito e Carlos Lacerda, político que ambicionava a Presidência da República, ordenou que a gráfica da Tribuna da Imprensa – seu jornal – publicasse o Fulô do Mato. Ramiro Capitão é do Caicó e foi convocado para o exército. Chorou, xingou, mas foi sorteado e teve que ser transferido para o Rio de Janeiro. Na partida lançou a sua “Homenagem aos responsáveis pelo meu sorteio”, soneto perdido na deslembração do tempo, ficando apenas suas estrofes finais:

Sigo após para o Rio de Janeiro
E uma garrafa de cana boa é pura
Levarei ao velho Góis Monteiro.

E após lutas sérias e amargas,
Meu dedo médio com sua junta dura
Meto no cu do Presidente Vargas!

Já se viu que nego não respeitava patente, como ficou claro acima. O importante, (ah época boa!) era cantar o que sentia, livre, usando qualquer que fosse a palavra, sem respeito a qualquer dicionário. Milton Ribeiro Dantas pegou e glosou o Mote: “Há quem pareça sem ser / E quem é, não parecendo”. Veja como foi:

Quero dar meu parecer
com absoluta isenção;
tenho até convicção:
há quem pareça sem ser.
Só quem poderá dizer
o que pareça, não sendo,
distinguir o que está vendo,
pois nunca jamais se engana,
é o verdadeiro sacana
e quem é, não parecendo.

Coriolano Ribeiro cantou as belezas de uma dama com algum excesso de gordura, sem perder a linha. Hoje em dia aquelas que têm um pouquinho mais de celulite não se aborreceriam ouvindo uma doida declaração de amor como esta:

Tanto tem o sol de alto
Como o mar tem de fundura,
Minha mulher tão magrinha,
Você com tanta gordura.
Deus permita que algum dia
Me veja nessa fartura.

Para encerrar as citações do livro *Uns Fesceninos*, organizado com muito amor por Oswaldo Lamartine de Faria (Editora Artenova, 1970), vai esta quadrinha do também macaibense Aluizio de Andrade Moura, com toda malícia que Deus lhe deu:

Tatu mora no buraco
Guaxinim, beira de praia,
Bicho que mata homem
Mora debaixo de saia.

Ainda hoje o cantador nordestino não perdeu a veia satírica. Acompanha o progresso e tome gozação nele. Certo dia encontrei na Praça Mauá (RJ), o José João dos Santos, mais conhecido como o Mestre Azulão. Ele fazia a roda na praça, espalhava os livros e folhetos no chão e se danava a cantar histórias e mais histórias.

Entre uma cantoria e outra fazia comentários picantes arrepiando a moçada que escutava. Se outra coisa faz mal, o que o carioca faz bem é roda para escutar e para ver novidades. Inda mais em volta de um camelô... sendo que ali era o Azulão, camelô de música de cordel, cantada num só tom com variações guturais. Azulão', era também conhecido como A Voz da Poesia e teve muitos folhetos publicados e vendidos.

Entre eles saquei “Os Loucos da Moda” uma sátira em cima da minissaia e “O trem da madrugada”, que mostra o sofrimento do povo suburbano ao enfrentar diariamente o trem no vai-e-vem para o trabalho cotidiano. Em “Os loucos da moda”, Azulão dá o tom, a crítica, a censura e manda a verdade entre um verso e outro. Vamos ver como Azulão registra a influência da moda estrangeira no Brasil:

A sociedade inventa
Uma moda em cada mês,
Disputando figurinos
Americano e francês,
Qual a moda predileta,
Esse povo só se aquieta
Quando andar nu de uma vez.

Entra de rijo na minissaia, condenando os modismos modernos:

Moça não quer mais anágua
 Corpinho nem combinação:
 É minissaia e biquíni
 E com essa arrumação
 Sai mostrando a calcinha,
 As panelas da cozinha,
 Bujão de gás e fogão.

Azulão não ficou no tempo. Nem o nordeste e seu canto, nem seu povo traiçoeiro para tudo quanto é filósofo de vida. Se a Bahia é a Bahia de hoje, é porque ali se fez o resumo de tudo quanto tem de brasileiríssimo no Nordeste. É ali que o nordestino fez a sua Meca, e a cambada de artistas saídos da Bahia foi resultado dessa peregrinação. No centro da roda animada, Azulão apresenta “O trem da madrugada”, singelamente, naturalmente:

Leitores trago mais uma
 Criação muito engraçada
 Da minha lira poética
 Que sempre vive afinada.
 Desta vez descrevo bem
 O movimento do trem
 Que desce de madrugada.

E desfila um rosário de sofrimentos por que passam os passageiros nesse dia-a-dia. As dores das mulheres que têm de enfrentar a marmanjada, os punguistas, gaturamos e ladrões (tudo e mesma coisa); os vendedores de balas, bananada e outras gostosuras de meio de viagem; os pregadores que prometem a salvação da alma por módicos trocados; os jogadores de carteados.

O folheto encerra com uma advertência:

Quem duvidar o que eu digo
 No meu livro de poema
 Venha conhecer o subúrbio
 Com seu povo e seu sistema.
 Depois que fazer morada
 Pegue o trem da madrugada
 Que vê todo esse cinema.

Uma quizília com Orígenes Lessa

Estive com o mestre Orígenes Lessa nos últimos dias de junho, isto é, poucas semanas antes do seu falecimento a 13 de julho de 1986. Muitas vezes eu e o gravador Marcelo Soares, xilógrafo – filho do poeta popular paraibano José Soares, cognominado o Poeta-Repórter – repetimos essa visita. Marcelo, além de autor de bem um milhar de capas de folhetos de cordel da atualidade, se tornou também poeta popular.

Orígenes – era assim que gostava de ser chamado, sem outros formalismos – tinha enorme afinidade com os poetas de cordel: seus trabalhos sobre o tema enchem mais de um volume. Entendia como ninguém a poesia popular e tinha seus autores humildes, como um de seus pares. Votava neles para entrar na Academia Brasileira de Letras, tal e qual Jorge Amado. E nele se inspirou para escrever.

Nessa andança, Orígenes fez uma amizade sólida que durou “até que a morte os separasse” com Sebastião Nunes Batista e acabou levando-o para a Casa de Rui Barbosa, a fim de organizar o acervo sobre a poesia popular. Sebastião, por sua vez, levou consigo a coleção que pertencera ao pai Francisco das Chagas Batista (que paira ao lado de Leandro Gomes de Barros como pioneiro da literatura de cordel), além de milhares de outros folhetos coletados dos muitos amigos que tinha – hoje o fichário da Seção de Poesia Popular conta com mais de 6.000 títulos!

Orígenes Lessa já vinha de há muito brigando com a “marvada”, mercê dos constantes ataques e taquicardias que lhe acometia o combalido coração. Porém ele nada demonstrava, na sua afabilidade: quem o visse de pessoa julgava cheio de saúde e disposição, tanta era a vitalidade que transmitia.

Nosso encontro era para uma “conversa”, que serviria decerto para ilustrar alguns dos muitos casos que coletava junto ao pessoal do cordel. Tudinho ele aproveitava para os livros. Ficamos durante toda uma manhã, eu contando partes da vida, da criação dos folhetos, dos muitos temas, sem deixar, também, de pescar um pouco da vida e da sabedoria desse notável escritor paulista.

Antes já tinha tido alguns encontros com Orígenes e mesmo já o conhecia pelos seus livros e noticiário dos jornais literários. Rua do Sol, O Feijão e o Sonho, Zona Sul, a Voz dos Poetas, foram

algumas obras suas que li com prazer, aprendendo, sempre aprendendo.

No seu 80º aniversário a Casa de Rui Barbosa prestou-lhe justa homenagem. Lá estava Franklin Maxado, Expedito F. Silva, Apolônio Alves dos Santos, Gonçalo Ferreira da Silva, Cícero Mocó, Zé Duda, Marcelo Soares, Azulão, Zé Andrade, Ciro Fernandes. Violeiros, poetas, xilogravadores – o mundo do cordel disputando um lugar junto a Carlos Drummond de Andrade, Américo Jacobina Lacombe, Austregésilo de Athayde, muitos acadêmicos e amigos de intelectualidade.

Esta oportunidade que o convite trouxe eu não poderia perder. Foi na exposição Xilogravura e Literatura de Cordel, como sempre incentivada e organizada por ele. Todo o acervo daquela instituição foi exposto ao lado de prelos originais de autores do passado, matrizes de gravuras e linóleogravuras, capas de folhetos.

Orígenes ficava eufórico quando os eventos que estimulava eram sucesso. Houve também um ciclo de palestras e numa dessas reuniões chamou-me de lado para elogiar – mais de uma vez – o folheto de minha autoria “Os Plantadoras de Soja Vão Acabar com o Brasil”, querendo saber como e de onde havia surgido tal ideia, chamando a atenção para a percepção de tão importante problema que nem mesmo os ecologistas se dão conta.

Os plantadores de soja são assim: colhem de 5 a 7 anos e depois deixam a terra arrasada. Mudam de lugar e o mesmo ciclo ocorre. Foi o que se deu no sul (onde a soja tomou o lugar do trigo, do arroz e do café), no centro, no cerrado e agora devastam a Amazônia. O folheto denuncia isso tudo e Orígenes Lessa percebeu, talvez mais que o próprio autor, a importância da delação. A todo instante voltava ao assunto.

E pensar que essa amizade que crescia a cada encontro tinha nascido resultante de várias provocações de parte a parte. Tivemos uma conversa rápida, ainda sem intimidade, na Casa de Rui Barbosa. De meu lado fui sugerir a ele que promovesse uma espécie de concurso entre os poetas de cordel do Rio de Janeiro para a produção de folhetos que versassem sobre a vida e obra de Rui Barbosa. Alertei-lhe sobre o fato de o patrono da instituição que tanto divulga o cordel não ter nenhum folheto que falasse dele:

“Não sei se o senhor percebeu, disse-lhe, que o Rui Barbosa, cuja fundação abriga um dos mais ricos acervos de Literatura de Cordel, não tem nenhum folheto que fale da sua vida. Como de fato: Rui Barbosa aparece apenas em raríssimas citações, a maioria satírica, como o célebre ‘coco baiano’, mais nada”.

Ele ficou pensativo, depois me disse algo como “Boa ideia”, a conversa desviou desse rumo e não mais se falou no assunto. Pouco tempo depois Orígenes lançaria um livreto no estilo cordel com a biografia de Rui Barbosa! Me enfezei com o fato e mandei uma carta atrevida, não dirigida diretamente a ele, mas à responsável pelo setor de Literatura de Cordel. Até hoje não sei se Orígenes chegou a ler a tal carta.

Outro atrito que tive com ele foi depois da publicação do livro “A Voz dos Poetas”, editado pela própria FCRB. No livro, entre os muitos artigos, havia o que reproduzia uma dessas conversas na qual estive presente. As conversas eram na realidade verdadeiras entrevistas. A reunião tinha sido com o Marcelo Soares, cujo pai tinha falecido há pouco. Eu estava ali como mero assistente, sem participar de nada.

O pai de Marcelo, José Soares, cognominado “O Poeta-Repórter”, era perito em registrar nos versos de cordel o necrológico de pessoas importantes, maior sucesso ao lado das tragédias nordestinas. A experiência levou-o a descobrir que, quanto mais rápido o folheto estivesse nas bancas e mãos dos leitores, mais sucesso faria. O poeta usou então o esquema de deixar preparadas as “bonecas” dos falecimentos futuros, reservando espaço em branco para os detalhes da ocorrência, tais como data, nome do indigitado, condições em que o fato se dera, etc.

Marcelo “confessou” tudo, inclusive dando nomes de pessoas ainda vivas cujos folhetos de morte já estavam no ponto, esperando apenas a data fatal para seguir ao prelo e para as bancas nas ruas. A tática funcionava, pois José Soares detém até hoje recordes imbatíveis de tiragens relâmpagos. Marcelo contou tudo, mas pediu reserva. Pois bem, Orígenes publicou tudo, inclusive as palavras de Marcelo pedindo reserva!

Fiquei furo de raiva e como “vingança” escrevi o folheto “Vida e Morte de Orígenes Lessa”, de cujo original tirei apenas algumas cópias para os amigos mais íntimos. A coisa, porém foi se alastrando, outras cópias sendo distribuídas, caindo nas mãos de gente envolvida com a Literatura de Cordel, entre elas o escritor

Umberto Peregrino. Em conversa com ele contei a história toda e procurava me reconciliar com Orígenes. A conselho de Umberto Peregrino e para acabar com tanta falação, tanto disse-me-disse, fiz uma carta ao Orígenes juntando um exemplar do folheto. Ele me respondeu em forma de cordel com os seguintes versos:

Dei por encerrado o assunto.

Pois no dia da última entrevista que tivemos lá vem ele me falar de novo no caso (a primeira vez que falávamos cara a cara sobre o assunto). “Como é que foi mesmo?” ele pergunta. Conto a história de novo, explico que depois me dei conta que o escritor é realmente um vampiro das ideias alheias, meu arrependimento, etc. e tal. Ele diz sorrindo: “Ah, mas não foi nada disso. As coisas são assim mesmo. Bobagem...” com aquela singeleza que o caracterizava e o fez respeitabilíssimo entre todos: leitores, escritores, intelectuais.

Antes de nos despedir, deixei com ele os originais do livro “Literatura de Cordel” – pedindo que, se possível, fizesse uma espécie de prefácio ou introdução. Marcamos novo encontro. Ele pediu alguns folhetos meus que não tinha na coleção dele, além disso, queria exemplares extras do seu necrológio “para mandar para a Biblioteca de Lençóis Paulista, minha terra”.

Dizia com orgulho: “Para Lençóis Paulista arregimentei centenas de livros únicos, autografados com dedicatória dos próprios autores, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond e centenas de outros amigos. Por essa característica, a minha cidade natal terá certamente uma das mais completas e mais originais bibliotecas do país”.

O encontro marcado não se realizou. Orígenes Lessa faleceu no Rio de Janeiro e 13 de julho de 1986. Mas acho que ele bem que gostaria de saber seu folheto distribuído e vendido em todas as bancas de cordel do Brasil. Ele que foi um pouco maranhense, um pouco carioca, um pouco de todo recanto do Brasil, foi mais que nunca paulista... e lençoiense. Esta foi a minha homenagem...

Vida e morte de Orígenes Lessa

Estão de luto as letras
E a cultura nacional
Morreu Orígenes Lessa

Um autor descomunal
Vou tentar narrar aqui
A sua vida terrenal.

Musas da Lira acorrei
Dai-me vossa inspiração
De um escritor de talento
Aqui faço a louvação
Tenha-o Deus no momento
À direita da Sua mão.

Dele eu posso dizer
Teve a vida laboriosa
Desde cedo enveredou
Pelos caminhos da prosa
Acabou na Academia
A carreira gloriosa.

Essa vida vou narrar
Porém me falta talento
Peço aos leitores perdão
Por qualquer cometimento
Que diminua a grandeza
Que exige este momento.

Em 1903
Na linda Lençóis Paulista
Nasceu Orígenes Lessa
O futuro romancista
Poeta e homem de letras
Repórter e jornalista.

Aos 3 anos mudou-se
Para a velha São Luís
E acompanhando os pais
Por quase todo o país
Fez germinar a semente
De um tempo bem feliz.

Desde os 10 anos de idade
Pegou logo a escrever
Fez um pequeno jornal
Como se fosse um lazer
Assim foi o Beija-Flor
Que viu o escritor nascer.

Induzido pelo pai
Tentou a teologia
Porém dois anos depois
Abandonou a academia
Foi pro Rio de Janeiro
A vida nova nascia.

De tudo um pouco fazia
Foi também um professor
Estudou Arte Dramática
Foi poeta e tradutor
Trabalhou na propaganda
E depois foi redator.

Assumiu o jornalismo
Como projeto de vida
O Escritor Proibido
Teve excelente acolhida
Recebeu Menção Honrosa
Iniciou-se a subida!

No ano de 32
Era um revolucionário
Foi preso lá em São Paulo
Onde era funcionário
E mandado para o Rio
Como um presidiário.

No Presídio Ilha Grande
Cumpru a pena imposta
E logo a revolução
Estava em letras exposta
O movimento gorou
Mas obteve resposta.

Com O Feijão e o Sonho
Recebeu premiação
Da Academia Paulista
Houve a consagração
Foi o primeiro romance
Que iniciou a ascensão.

Havia sempre latente
A alma do jornalista

Dirigiu então a Planalto
Uma excelente revista
Deu nome internacional
Ao nosso folhetinista.

O nosso biografado
Era eterno viandante
Foi pros Estados Unidos
Chile, Suécia, Alicante
Suíça e Dinamarca
Um caminheiro errante.

Essa herança paterna
Vinda do tempo infantil
Fez dele meio cigano
Debaixo do céu de anil
Foi botando os pés no chão
Pra conhecer o Brasil.

No ano de 43
Voltou ao Rio de Janeiro
Vieram novos trabalhos
Que lhe traçaram o roteiro
O fizeram respeitado
No grande mundo livreiro.

Um casamento feliz
Com outra boa escritora
Trouxe o equilíbrio perfeito
Pois cronista e tradutora
Elsie Lessa se tornou
Também uma vencedora.

Depois outro casamento
Completo a felicidade
Casou com uma moça nova
Bonita e de tenra idade
Recém-vinda d'Além Mar
Da Lusa Sociedade.

Mas o Orígenes Lessa
Apesar do seu T mudo
Foi um grande falador
Um escritor bem graúdo
Num livro de cada gênero

Escreveu pouco de tudo.

Conto, Romance, Poesia
Literatura juvenil
Tradução e jornalismo
Mais de um livro infantil
Ultimamente estuda
Cordelismo no Brasil.

Cinquenta livros depois
Tentou a Academia
Já veterano escritor
No entanto não sabia
A quem escreveu dois livros
Essa vaga perderia.

A tal "eleição" ficou
Como vergonha histórica
Um candidato político
Acostumado a Retórica
Fez da velhinha A. B. L.
Urna academia pictórica.

Mas ele não se entregou
Partiu pra luta de novo
Era cabra acostumado
A ter carinho do povo
E logo então foi eleito
Por isso aqui eu o louvo.

Já entrou na Academia
Como escritor consagrado
Primeiro como contista
Desde 30 premiado
O Feijão e o Sonho teve
O Prêmio Alcântara Machado.

Rua do Sol repetiu
Do romancista o sucesso
9 Mulheres também
Sofreu o mesmo processo
O Evangelho de Lázaro
Ao Pen Clube deu acesso.

A leitura pra criança

Chamou a sua atenção
Uma velha experiência
Teve maior duração
Títulos se sucederam
Cada qual com vibração.

Outra atração ele teve
Pela Poesia Popular
Andarilhou no Nordeste
Só pra ouvir e cantar
Trovadores repentistas
Na viola a improvisar.

Na Casa de Rui Barbosa
Fez trabalho de artista
Acolheu os folheteiros
Apoiou o cordelista
Hoje terá a seu lado
Sebastião Nunes Batista.

Foi esse escritor maior
De talento sem medida
Que nos deixou a obra
Ora alegre ora dorida
E pra coroar o trabalho
Nos deu exemplo de vida.

Então cessou com pesar
A heróica trajetória
De um literato sem par
Que alcançou fama e glória
Orígenes Temudo Lessa
Esta é a sua história.

Nada existe no mundo
Que se compare à tristeza
De ver o corpo de um gênio
Estendido sobre a mesa
Se nesta terra alcançou
O cume da realeza.

A vida nos oferece
Uma estrada bem curta
E quando se alcança glória
A morte a vida nos furta

Só nos resta renascer
Florindo em pé de murta.

Na sua campa constará
Todos os seus altos feitos
Que estão aqui narrados
Nestes versos imperfeitos
Suas obras cobrirão
O mais gelado dos leitos.

Não há poesia que iguale
À realidade da vida
Neste poema retrato
Uma pessoa querida
Que mereceu louvação
Na hora de sua partida.

FIM

Orígenes Lessa não deixou a peteca cair e respondeu na bucha:

Bilhete ao Poeta Sá de João Pessoa, autor de “A vida e a morte de Orígenes Lessa”.

I

Colega, peço licença
pra baixar no seu terreiro
que lhe quero agradecer
o necrológio maneiro
com que você antecipa
meu suspiro derradeiro.

II

Quando o meu dia chegar
– para alguns um dia atroz –
vou procurar o Leandro,
quero ouvir-lhe a nobre voz,
vou buscar Chagas Batista
que é mestre de todos nós.

III

Vou pedir lição de verso
que eu não quero fazer feio
na hora de aparecer
de repente em chão alheio
pra contar as novidades
que vi dos mortos no meio.

IV

Muito povo me interessa
no vasto império do Além,
eu quero levar um papo
com o velho Matusalém,
vou ver se Adão me recebe
e a dona dele também.

V

Se ao morrer se arreponderam
(só no céu vou me esbaldar)
eu gostaria de os ver,
para um pé também lhes dar,
Hitler, Nero e outros patifes,
mil pecados por pagar.

VI

Todos eles, bons ou maus,
que da terra se mandaram,
na minha cuca em delírio
vertiginosos bailaram
ao simples ler dos seus versos
que tanto me impressionaram.

VII

Logo vi, porém, que tudo
não passava de ilusão
minha hora não chegara,
ia haver continuação,
inda um pouco me sobrava
pra viver no mundo cão.

VIII

Não sei que tempo me resta
não sei que tempo será...
um ano? um mês? um minuto?
que tempo Deus me dará?
sei que a morte é uma pergunta,
quando vem, quem sabe lá?

IX

Mas agora estou sereno,
vou vivendo em paz imensa
não há vida que me assuste,
não há morte que me vença
pra ganhar seu necrológio
qualquer morte é recompensa...

Protesto a Gonçalo Ferreira da Silva

Estas  cimas foram feitas em resposta à poesia “Protesto”, de autoria de Gonçalo Ferreira da Silva, saída na contracapa do folheto *Lenda do Caipora* (1983), na qual o poeta defende a tese de que existe uma divisão est tica e social entre a poesia culta e a poesia popular e, portanto, entre o poeta popular e o poeta clássico.

Também protesto

Gonçalo Ferreira amigo
 Grande vate sertanejo
 Decerto fez um gracejo
 Ou procura inimigo
 Para levar um castigo
 Você   positivista
 Mas parece um piadista
 Pois faz uma distinção
 Entre o poeta irmão
 – E o que se diz cordelista.

Amigo Gonçalo Ferreira
 Preste atenção no que digo
 E concordar  comigo
 Nacional ou estrangeira
 A poesia   altaneira
 E supera qualquer “ismo”
 Já passou o modernismo
 Nunca se fez distinção
 Entre o poeta irmão
 – E nem se diz cordelismo.

Cuidado amigo Gonçalo
 A poesia popular
 É um canto centenar
 Mas atente no que falo
 Ninguém deve ser vassalo
 De não-sei-qu  invenções
 E mais tantas convenções
 Nunca se fez distinção
 Entre o poeta irmão
 – Em qualquer das gerações.

Caro amigo Ferreirinha

(Permita que assim o chame)
Da vida é esse o ditame
Repito-lhe a ladainha
Essa história não é minha
Tá claro de dar na vista
Não sou um antagonista
Mas não se fez distinção
Entre o poeta irmão
– Todos são da mesma lista.

Existiu o classicismo
Depois veio o romântico
Que atravessou o Atlântico
E então o simbolismo
Precedeu ao modernismo
A brasileira escola
Que consagrou a viola
Entre o poeta irmão
– É tudo da mesma gaiola.

É esta a grande verdade
Nós somos todos poetas
Das rimas uns exegetas
Dos versos a santidade
Devemos ter amizade
E mostrar nosso valor
Do canto ser defensor
Nunca fazer distinção
Entre o poeta irmão
– E o irmão cantador.

FIM

Venturas e desventuras de um poeta

(Achegas à biografia de Frank Maxado)

Há muito tempo transitou entre o vulgo, metida numa folha de papel – um pliego, como dizem os gauchos – já amarelado e sujo por muitos dedos que o tocaram, impresso com a seguinte poesia atribuída a um descendente de Zé Limeira, filho legítimo de Orlando Tejo:

Ex-poeta pede ex-mulher em casamento!

Ex-poeta decadente
que tem origem bahiana
levou mais duma semana
trabalhando com a mente.
depois todo contente,
alegre, bobo, faceiro,
contou ao mundo inteiro
a sua nova façanha:
sabem que o senvergonha
resolveu voltar ao lar
que não pôde sustentar
sem nenhum ressentimento?

E para cumprir seu intento
de modo muito sagaz
o filho de Satanás
usou todo argumento
re-pediui em casamento
com toda pompa e mister
uma mui bela morena
tão bela quanto Helena,
mas sabem quem ela é?
Exultem padres, padrecos,
que Maxado uniu os trecos
com a sua ex-mulher!

Tudo intriga, má e megera intriga, ofensa capaz de dar azo a processos e mais processos, supondo até a intervenção da Suprema Corte! Desocupado leitor. Não preciso aqui prestar qualquer juramento para prová-lo. Como de fato o provarei...

Acredite que, com toda a minha vontade, quisera que este escrito fosse o mais fremoso, o mais galhardo, mais maginoso e valeroso que pudesse criar a imaginação humana. Porém jamais estive nas minhas mortais mãos contravir ordem da natura, qual seja: cada coisa gera outra na mesma proporção do que seja semelhante.

Que poderia então um estéril e seco talento como as terras das caatingas, mal cultivado e sem estrume, produzir neste mundo sinão a estória de um poeta magro, pondo os pingos nos is, com sua secura e magreza, enrugadinho, caprichoso, cheio de ideias, pensamentos imperfeitos e ideais nunca dantes maginados? Não quero nem pareço criador do poeta, nem mesmo padraço sou, ao menos padrinho, posto que o nobre que tentarei retratar e salvar da desonra sempre teve, por si só, pai vivo e mãe bulindo, como diz-se vulgarmente por aí.

O que mais almejo, tranquilo leitor, é dar-te mondana despida de ornatos nem catálogos, sem sonetos ou carnavais, nem epigramas ou elogios, parte da vida efetivamente vivida do poeta que se fez, fragmento que testemunhei na isenção do ânimo, para que não druma no silêncio eterno a tumba do esquecimento.

Eis que me sai agora o depoimento tendo como respaldo considerável carga de anos pela cuca e outro tanto de poesia nos lombos, contada a bom contar a legenda viva, porém seca como as palhas. Se faltar imaginação e minguar o estilo, supro a deficiência pedindo às musas e escribas de alhures o préstimo da inspiração.

Peço perdão à pobreza de conceitos, alheia que é a toda erudição e doutrinas ideológicas. Confesso que em razão das parcas letras e natural insuficiência de gramatiquice, ainda mais: porque brasílico mestiço das raças lusitanas e assírias o bugre nativo cultiva a preguiça, o palavreado de calão, as mulheres e bebidas *sina qua non*, tudo combinado com as delícias das praias e as emoções do futebol...

Tornando a vida assaz cansativa tais lazeres, saibam, pois, cativos leitores, digo que foi quando audaciosamente o poeta que se lhe retrata as faces levantou ferros, soltou amarras das terras feirenses e se mandou com destino final à *muy heróica, leal y fremosa* cidade de *San Sebastián del Río de Janeiro*. Fê-lo por profissão de fé. O pretexto era viver dos ofícios da prática jornalística e advocatícia, não alimentando outros propósitos

sinão o de vencer e vencer no Suleste Maravilha, não fosse o milhar de pessoas que pensam igual aventura...

Mas não é fácil executar-se plano tão ambicioso se a cuca não estiver límpida como águas de nascente. Havia um entretanto: sentimentalmente, como se diz, tava o poeta desaparafusado dos pés à cabeça, metido numa entremezada de amor escrevida pelo Destino, esse pai de nossas vidas, como se verá. Não ligou. Largando de lado inconvenientes do coração, embarcou com destino ao Suleste de carona. Não num jato da PANAIR nem navegou o ITA do Lóide, mas na cauda extensa e luminosa de uma belezona de cometa da maior mulataria, de faróis verdes como olhos.

Já repararam que o futuro vate, de coração expandongado pelo desembestamento de treslouca paixão, estava pronto para tudo: desdenhou as patentes de Coronel da Guarda Nacional, a que tem direito líquido e certo por descender de linhagem nobre, de Oficial de Reserva das Forças Legais, grau alcançado *ad augusta per augusta* em curso por correspondência.

Afastou-se de banda o diploma de bacharel, as consequentes lides jurídicas que galhardo e afoito encarava no Fórum de Feira de Santana. Ficou ao largo das seculares estâncias de muitos roçados e incontáveis cabeças de gir, que administrou seguindo as pegadas do bisavô, Vilatilo Maxado, herói da Guerra do Paraguay. E tudo, tudo, deixou tudo para trás por se achar merecedor – pelas graças abençoadas dos santos brancos, negros, índios e mulatos – de tão descabeçado amor.

Do jornalismo e da poesia não largou não, que são sangue do sangue que corre nas veias como a jaguatirica no sertão – ao contrário dos rios – só seca quando a terra tudo cobre com o frio lençol da madrugada.

Estava assim, escravo no pelourinho, boi furado nas ventas, submisso ao jeito de venha cá daquela prínspa amulatada cujas raízes de nobreza cortam os oceanos e varam os séculos, de nascedouro plantado nalgum local da África-Mãe.

E agora digam com sinceridade: quem, quem neste vasto mundo, quem teria coragem de fazê-lo deferentemente? Só mesmo alguém que tivesse a infelicidade de desconhecer a ruma de belezama que o bom Deus carregara especialmente para-amulatona, de fazer admirar o mundo! Era ela a razão do sem-

razão, que a toda razão se faz, de tal maneira que a própria razão enfraquece! Pois, pois, com tanta razão por riba o poeta arriou gamado em tal beleza, justa e merecedora de ter direito a ser odalisca, guardada em haréns que olhos pecadores jamais podem mirar.

E mais tinha a moçoila, gente de muitas leituras e artes, moça de quarto e jardim, daquelas que guardam com chave de ouro o seu etecetera-e-tal-de-nascença, símbolo da mais santificada donzelice, anjo de pureza, flor de livro Kama-Sutra, Jardim de Delícias! Mulataria tão guarneçada assim só se vê de cem a cem anos, tão vistosa era, tão saliente par de popas...

Inexiste outra no país, filha de Oxum que a própria Oxum presenteou com carnudos seios de bicos eretos como jacintos, coxas magníficas, lábios frescos como a água do oásis, boca rubra como o sabre ensanguentado, olhos negros como a asa da graúna, rasgado ventre de ébano e ancas arredondadas, um belo umbigo, pés delicados...

Para completar o mais poderoso Orixá mergulhou-a num mar de esplendores que ressaltaram as formas graciosas da pubescência que o corpinho justo debuxava em doces e palpitantes voluptuosidades e leves deleites. E fazendo com que suas carnes se tornassem mais apetitosas ao olhar, construiu, para elevar essa beleza toda, duas maravilhosas pernas, acima das quais fez localizar a dardejante arena de combate dispondo-a de carne florada e de pelos tão abundantes que semelhava a juba de um leão.

Oh! Quantas mortes de homens enfeitiçados jazem às suas portas? Quantas? Incontáveis! E dentre eles quantos heróis ali depuseram seu coração?

Iracema, a virgem dos lábios de mel, a que tinha os cabelos mais negros que as asas da graúna e os seios morenos de granito de Carrara, por mais beleza que Tupã e Alencar prouveram – pois essa sequer chegava aos pés da elegida do poeta. Os lábios da mulata rescendiam o cheiro agridoce do melado, seus beijos eram grudados como se a boca tivesse puxa-puxa.

Nem mesmo a baunilha exalava nas matas um hálito tão oloroso, nem a caneleira possuía uma casca tão perfumada como a pele tostada e trigueira da mulata. Para completar, banzava-lhe o corpo constantemente uma garoa finíssima mais fresca e

sensual que o orvalho da noite que repousa nas pétalas da flor-de-maracujá, espargindo por sobre os negríssimos e úmidos cabelos o mais puro óleo de pau-rosado.

Pois resistir a tal encanto – quem há-de?

Não espanta, portanto que o poeta assim ficasse amarrado, carecido de urgente amansa-besta que sofresse as entidades negativas, afrechado mortalmente de amor. Mas... queria-o? Desejava-o? Batalhou para tanto o poeta? Nerusca!

Corria os anos 1970, o país comemorava a conquista do tricampeonato mundial de futebol, nossa arte maior, tanto com os gritos das arquibancadas até com urros clamados nos calabouços da repressão comandada pelos centuriões – ao som da marchinha da Esso “Pra Frente Brasil” – tudo montado no rabo do cometa que foi o ano de 1968, rasto de fumaça deixado pela rebelião arrasa-terra na França, queimada de roçado em pleno *Quartier Latin* que ecoou na América Latrina e rebateu na Amazônia.

Para nós, como sempre, só ficou a fumaça. Muitos pensavam apenas em salvar a própria pele: que se dane o couro do jacaré e da onça-pintada! Médici assistia ao Fla-Flu no Maracanã com radinho de pilha grudado no ouvido (por isso não dava para ouvir os gritos de doooooorrrr... só os de goooooolllll).

Pinochet reinava no Chile e usava o Estádio Nacional para massacrar o povo nas arquibancadas e vestiários (era o terror *a la chilena*) e *en el Paraguay* o Gen. Strossner reelegia-se pela enésima vez... Então, vê sob esta ótica: Geisel, Bournier, Galtieri, Strossner, Pinochet, Médici – era a velha Europa colonizadora que através de seus bisnetos menos ilustres aterrorizava a América do Sul igual que faziam na velha África.

O poeta, perdido de paixão, amando desesperadamente, nada percebia. Antes, tentava recolher os cacos do seu coração em pandarecos – que para tão bela e hermosa Nanã (salubá!) o destino-madre programara em sua sapiência voos mais condoreiros.

E foi por causa desse quedaço, que não admite sacode a poeira, nem a volta por cima, que o poeta debilitou de vez. Seus olhos afundaram minguidos de tão pequenos, o peito murchou enrugado quinem jenipapo maduro, a cabeça mais parecia uma bola de futebol americano depois do jogo, o coração frio guardado

no freezer batia como um atabaque a dolente avania da despedida. Toda aquela cerimônia de amor vivido se transformou de repente num axexê tristonho e macabro.

O poeta desmudou. Era outro. Desalmado. Todo seu eu era um grandioso silêncio, silêncio do deserto ermo, como não há outro no mundo, só se ouvia o quiriri dos grilos no coração, no silêncio a solidão pediu passagem, entrou na avenida, se acoitou naquele oceano de areia e tristura, seco, sem marés. A cara de pedra guardava um rictus de amargura a vincar a comissura das feições agrestes. Estatelou-se, estirado, estendido ao comprido, escarrapachado, espantado, admirado, atônito, parado, hirto, imóvel, estático, pirado. Parecia mais que aquele, o **diantre**, havia tomado de posse o corpo, alma e vida do poeta.

Esse mesmo que vocês todos conhecem: o **tanso** que apalerma, o **carocho** que sarna, o **enguiço** que tolhe, o **azango**, o **ozoreiro**, o **diacho**, o **zaranza**, o **nico**, o **careca**, o **dianho**, **tição-negro**, o **coisa-má**, o **caipira**, o **mafarrico**, o **demo**, o **malasartes**, **tatro**, o **tardo**, o **porco-sujo**, o **imundo**, o **cornudo**, o **demônio**, o **cão-tinhoso**, o **repelente**, o **tisnado**, o **sarepelho**, o **fusco**, o **belzebu**, o **satanás**, o **esmulambado**, o **cambito**, o **dedo**, o **satã**, o **cão**, o **moleque**, o **fute**, o **pé-de-meia**, o **futre**, o **malino**, o **pé-de-bode**, o **futrico**, a **figura**, **pé-preto**, o **bode**, o **capaverde**, o **gato-preto**, o **malingo**, o **sapucaia**, o **bicho**, o **pêro botelho**, o **rapaz**, o **milico**, o **tinhoso**, o **capeta**, o **coxo**, **capiroto**, o **excomungado**, o **drabe**, o **bode-sujo**, o **inimigo**, o **anjo-mau**, **maldito**, o **mofino**, o **não-sei-que-diga**, o **tição**, o **encapetado**, o **chifrudo**, o **gênio-do-mal**, o **anhanga**, o **dragão**, o **espírito-malino**, o **Lúcifer**, o **pai-da-mentira**, o **prínspe-das-trevas**, a **serpente-infernal**, o **arrenegado**, o **beijudo**, o **bicho-preto**, o **sarnento**, o **dito-cujo**, o **cão-tisnado**, o **marvado**, o **manquinho**, o **mofento**, o **indivíduo**, o **cão-miúdo**, o **coisa-ruim**, o **pé-de-peia**, o **porco**, o **cifê**, o **rabão**, o **capirocho**, o **galhudo**, o **gadelha**, o **rabudo**, o **caneta**, o **dianga**, o **mal-encarado**, o **provinco**, o **taneco**, o **zarapelho**, o **romãozinho**, o **diogo**, o **dubã**, o **canheta**, o **moleque-do-surrão**, o **labrego**, o **dioguinho**, o **caipora**, a **força-do-mal**, o **cafute**, o **exu**, o **marambo**, o **alaketu**, o **astuto**, o **sagaz**, o **ajelu**, o **príncipe-da-potestade-do-ar**, o **pai-das-mentiras**, o **sedutor**, o **tentador**, o **mensageiro-do-mal**, o **meia-noite**, a **fonte-de-todo-mal**, o **maioral-dos-demos**, **astuto** – vos juro e vos asseguro que **esse** (cruz-em-credo!) **que nem digo o nome**, esse **danado**, queria para si só a alma pura e eterna do nosso poeta.

Se nosso biografado-precoce não capitulou, se foi salvo dessa selvageria infernal, deve graças e penitência ao patuá da sua chefe-de-cabeça, a ***Cabocla do Sol e da Lua***, a ***Sereia do Mar e do Vento***, a ***Iansã das Sete Encruzilhadas*** – pois somente assim protegido pelos quatro lados não arriou os cornos...

Sim. Ele jamais se entregou, nunca deixou a liça, inda mais que dois barões assinalavam da ocidental praia bahiana o saldo positivo daquele amor imortal e hollywoodiano que começou no agreste, varou as estradas *easy rider* e foi morrer na beira da praia entre arranha-céus de Copacabana, terreno abençoado onde lemanjá – Mãe de todos os Orixás – reina absoluta sobre as almas mortais. Amor que não morre, flor de romances trágicos, paixão insepulta, ornamentada com pedras brancas marinhas, abebês redondos, conchas, estrelas e luas.

Não, poeta jamais desiste. Antes, mostrou força e poder: ousou oferecer ebó de cabra preta e galinha d'angola, passar dois meses em dieta de mungunzá de milho branco e mel, a filé de peixe de água doce, essas comidas brancas que são do agrado e sabor da nossa Janaína, Princesa de Aiucá, Rainha das Águas, sereia Mukunã, Gunté dos Rios. Axé! Axé! Axé! Para todo mundo axé!

Estava assim nesses termos o poeta, causídico, jornalista, oficial da reserva, coronel da guarda nacional, estava pois, pois, cheio de nó-pelas-costas, de sentimento para matar cachorro a grito e mosquito a baforada, com o coração no pé da goela, mais para lá do que para cá, afogando as mágoas nas bodeguinhas da vida, de déu em déu pelaí, deprimido que só antidistônico, buscando esquecer as agruras que a mulata pedaço de mau caminho deixou, provocando aquela trasteira enorme, estava, por fim, rematado já de todo juízo e sanidade.

Em consequência seria natural que sobreviessem os mais desembestados e estranhos pensamentos, nos quais louco algum jamais havia demorado a cabeça, e tais pensares foi-lhe de parecer e argumento, convinável e necessário, para proveito da própria honra e em defesa do nobre nome de Feira de Sant'Anna.

Resolveu fazer-se matulão, cavaleiro andante da poesia, ir-se pelo mundo a granel, com as armas e os barões assinalados, fugir das brumas de Avalon à cata de aventuras, exercitar-se nas difíceis artes que conhecia dos livros de cavalaria de Sir Walter Scott, das aventuras de Oliveiros e Ferrabrás que Leandro Gomes

de Barros contou, da história do Cavaleiro da Triste Figura, pondo-se à mercê de todo gênero de agravo, ocasiões e perigos donde, levando-os a bom cabo, cobrasse perpetuidade ao nome e glória à fama. Fez.

Ferido o conceito e o preconceito, o próprio e o amor-próprio, o poeta resolveu singrar esse mundão de Deus a fora. Levou consigo tudo o que tinha ajuntado até então. Desde os folhetos de João Martins de Athayde, de Leandro Gomes de Barros, de Manoel Camilo dos Santos até um embornal cheio de paçoca.

Botou no matulão vários livros e jornais, entre eles: dois exemplares do hebdomadário “O correio de Feira”; um volume da Constituição Brasileira de 1988 autografado por Ulisses Guimarães; “A rosa do povo”, de Carlos Drummond de Andrade (com dedicatória); 50 álbuns “Feira de Sant'Anna” de sua autoria e único best-seller e uma monografia datilografada sobre a origem da palavra **forró**, na qual defendia a tese gaélica de origem, vinda da expressão “*For All*”. Completava a *sacoteca* (pois cabia tudo dentro dum matulão), “O Cavaleiro da Esperança”, de Jorge Amado, constando na pág. 44 o texto inspirador por ele sublinhado:

“Um dia, negra, um dia radiante de sol, o moço soldado e a moça professora, Antônio e Leocádia, se encontraram, se namoraram, se compreenderam e se amaram. Tiveram um lírico noivado nas ruas de Salvador e juntaram num casamento suas rebeldias adolescentes”.

Larga relação completava o manifesto do baú: canivete Corneta; maleta modelo James Bond; três quilos de carne-de-sol; roteiro de viagens da revista 4 Rodas; doze bolas de gude da marca Riello; velho puzzle da Parker Brothers; duas garrafas de Jurubeba Leão do Norte; três cuecas samba-canção (as modernas lhes apertavam os colhões); coleção de estampas do sabonete Eucalol.

E mais: dois diplomas de segundo grau e bacharel em letras; um punhal de cabo de marfim da Índia; um patuá benzido (que guardava bilhete da sua mãe protegendo-o das vigaristas do Suleste); estatueta de autoria do Zé Andrade; camisa nº 8 do Fluminense de Feira, usada por Bobó desde o dente-de-leite; três litografias assinadas por Ciro Fernandes; carta de recomendação do poeta-trovador Rodolfo Coelho Cavalcante (endereçada a Orígenes Lessa); fita com a inscrição “Nosso Senhor do Bonfim me

Proteja"; escudo das Armas da Família e a inscrição em ouro: *Primo nihi. Amicus totum! Inimicus infernos focus castigat*. Primeiro eu. Aos amigos tudo! Aos inimigos o castigo, o fogo dos infernos! – heráldica divisa que até hoje faz furor na política bahiana.

E assim foi, desocupados leitores, brasileiros e brasileiras, que no fundo do agreste virgem, das caatingas de costelas secas, vingou o poeta bahiano, parido em plena selva de pedra carioca, Maxado Nordestino, também conhecido pelos codinomes Franque Maxado e Franklin Maxado, poeta popular da última geração, repentista, cantador, cordelista de nossa gente, sem nenhum caráter.

Era branco retinto, filho das alegrias das noites. Já na meninice fazia coisas de sarapantar. Divertia-se arrancando e comendo cabeças de saúva-caçapó e principalmente espiando as muiés de saia alevantada fazendo necessidade no quintal. Vivia deitado na rede, mas se botava olho em cruzado-novo já dandava pra ganhar uns trocados. Também espertava quando as cunhãs iam tomar banho de rio: passava o tempo todo dando mergulhos, sumia no fundo d'água, só se ouvia as muiés soltando gritinhos de susto e prazer, diz-que por causa das mordidinhas dos guaiamuns d'água-doce que habitam por lá.

Em casa, se alguma mulata achegava nele pra fazer festinha, logo punha a mão nas graças dela de gozo. Nos machos guspia na cara o desrespeito. Nos cochichos das muiés ele tava na boca delas, comentando as peraltices do piá. Porém respeitava os véios e frequentava com assiduidade e distinção os candomblés bahianos Ilê Ilyá Omi Axé (Gantois), Ilê Axé Opô Aganju, Ilê Axé Opó Afonjá de Mãe Stella e Ilê Axé Ilyá Nassô Oká, doando a cada um o talento da sua presença.

Frequentava também as micaretas arco-íris de Salvador e Feira de Santana, as missas de domingo na Matriz de Sant'Anna, a lavagem dos degraus do Bonfim, o estádio da Fonte Nova em dia de Ba-Flu (Bahia vs. Fluminense de Feira de Santana), as pensões do Largo do Pelourinho, as barracas de acarajé da Praça Castro Alves, a zona do cais do porto. Por toda essa atividade e muito mais o poeta era conhecido como cara porreta de muitas amizades. Então, foi assim. Teve um momento que o silêncio foi tão grande... Tem mais não minha gente. Tem mais não...

**Inventário de folhetos e poesias
(em construção)**

1970

O mundo misterioso dos sonhos

1973

Allende contra o anjo do mal

1982

Corrupção, democracia e eleição

O louco do volante

1983

Debate Paulo Maluf vs. Ibrahim Sued

Está fundada a ABC (Academia Brasileira do Cordel e da Cachaça)

Maxado pra Presidente!

O discurso do candidato Maxado Nordeste

O encontro de Zé Sarney com os cordelistas

Os plantadores de soja vão acabar com o Brasil!

Partidos em cordel PKB-PPB

Também protesto! (Décimas a Gonçalo Ferreira da Silva)

1984

1º Aniversário da ABCC

A corrupção hoje em dia (por Severino Silva)

A morte de Pedro Nava

A surra que Lampião deu no Diabo no Carnaval do Rio

A tragédia do [incêndio no] Flamengo

Elza Gomes (1910-1984)

1985

A morte de Jericar, o jumento papal

A vitória de Tancredo Neves

A volta de Roque Santeiro

A volta do Cometa Halley

ABC de Roque Santeiro

Amores e desamores de Porcina a “viúva” de Roque Santeiro

Louvação a CDA (Inclui: Eu também sou mutuário)

O amor de Xuxa e Pelé

Os milagres de São Tancredo (c/Franklin Maxado)

Tancredo: 39 dias de agonia

1986

ABC de Pablo Picasso

Cadê o Halley?

O mundo de Zé Andrade

Rodolfo Coelho Cavalcante

Vida e morte de Orígenes Lessa

1987

A guerra Palestina

Carta ao Arp Procópio

Homenagem a Drummond (c/vários poetas)

Maira Sullivan-A americana que se apaixonou pelo
cordel

Os milagres de São Tancredo (c/Franklin Maxado) 2^a
edição

1990

Eu voltei da cidade pro sertão

Um tranquilo e sereno entardecer

(inclui: Domingo na Feira)

1991

ABC de Carlos Zéfiro

Carta ao amigo Jô Soares

Carta ao poeta Elias de Carvalho

Lampião Herói Nacional

O fantasma de Tiradentes azucrinar Portugal

O amor de Ana Raio e Zé Trovão (incompleto)

1994

Brizola pra Presidente

2002

Lula Presidente

2003

A posse de Lula em Brasília

2007

ABC de Ferreira Gullar

2008

Explicação sobre cordel

Nas ondas de João Pessoa

O midiático poeta Glauco Mattoso

2009

A mulher que expulsou o Diabo de Timbaúba

2010

Folia de Reis em cordel

Stabat Mater em cordel

2011

Gonçalo Ferreira da Silva, o poeta sonhador

Hitler no Maranhão

O avô brasileiro de Barak Obama

2012

Augusto dos Anjos 100 anos do EU

Consulta ao Dotô Zé Andrade

O espírito da “coisa”

Folhetos sem identificação de data

Discussão de Zé Limeira com Sá de João Pessoa

O homem que vendeu a alma e toda a família ao Diabo

Seca, fome e miséria

Zé Andrade O vampiro de Santa Teresa